

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 1a, Introdução à “Carta aos Hebreus”: o Quem, o O quê e o Porquê do Sermão (Parte 1)

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Quando perguntado, qual é seu livro favorito do Novo Testamento? Poucas pessoas respondem, Hebreus. A carta aos Hebreus pode parecer inacessível, com sua investigação intrincada do culto levítico e do ritual do dia da expiação, e suas tentativas de conectá-los com a obra de Jesus, ou sua interpretação extensa, e para ouvidos modernos muitas vezes estranha, de uma grande variedade de passagens do Antigo Testamento. É, de muitas maneiras, um texto misterioso, e requer muito trabalho para nos familiarizarmos novamente com o Antigo Testamento para apreciar o que a mensagem de Hebreus realmente é.

No entanto, Hebreus é uma parte muito importante do nosso cânone, e faz algumas contribuições distintas para a formação da teologia cristã e a visão para o discipulado. Portanto, recompensa nosso estudo atento de muitas maneiras. Uma das coisas que a carta aos Hebreus nos dá, de uma forma diferente e em maior profundidade do que qualquer outro texto do Novo Testamento, é uma visão da pessoa e realização de Jesus além do reino de seu ministério terreno.

O autor de Hebreus fala longamente sobre a atividade do Filho antes que o Verbo se tornasse carne. Ele forneceu à igreja primitiva alguns pontos de partida muito importantes para desenvolver uma cristologia do que o Filho estava fazendo, por assim dizer, antes de sua encarnação na pessoa de Jesus. O autor de Hebreus fornece reflexão teológica sobre o significado da morte e ascensão de Jesus de maneiras que moveram a igreja primitiva significativamente para a frente no desenvolvimento de suas doutrinas da expiação e sua compreensão do significado da crucificação e suas consequências, a morte e ressurreição de Jesus, para nosso relacionamento com Deus e para a inauguração da nova aliança.

Hebreus também explora, em maior grau, a importância do Antigo Testamento como testemunha de Jesus. Agora, qualquer leitor de um evangelho também encontra esse tema. Qualquer leitor de uma carta paulina encontra esse tema.

Mas o autor de Hebreus é particularmente abrangente em onde ele vai no Antigo Testamento para encontrar testemunhos do que Deus faria na pessoa do Filho. Então, ele nos apresenta uma hermenêutica distinta do Antigo Testamento, por meio da qual, em alguns casos, encontramos o significado maior, o sentido mais completo de um texto do Antigo Testamento, ao lê-lo como endereçado ao Filho, ou sobre o Filho, ou mesmo, mais extraordinariamente, colocado nos lábios do Filho. Hebreus é

provavelmente mais conhecido por seu capítulo sobre fé, que é um desfile de heróis daqueles que exemplificaram a virtude da fé neste mundo.

No capítulo 11, mas também em outras passagens, Hebreus tem muito a nos dizer sobre a natureza da fé, como a fé se comporta e como a fé em ação se parece neste mundo. Portanto, torna-se um recurso importante para pensar sobre a ética cristã e nossa resposta a Deus. A epístola aos Hebreus também dá uma boa quantidade de atenção à cosmologia, a questões sobre a realidade última, a maneira como o cosmos é construído e, portanto, como navegamos sabiamente por esta realidade visível presente.

Finalmente, o autor de Hebreus, por causa da natureza dos desafios que sua própria congregação está enfrentando, dá muita atenção ao problema do sofrimento, um problema perenemente importante na experiência cristã. Ele olha particularmente para como interpretar a experiência do sofrimento quando esse sofrimento é o resultado da obediência de alguém ao chamado de Deus. Ele fornece à igreja em todas as eras posteriores recursos para entender o sofrimento em prol da fidelidade e obediência a Jesus de tal forma que seja fortalecida para resistir a ele e até mesmo triunfar por meio dele.

O livro de Hebreus também apresenta desafios que os cristãos de todas as idades devem ouvir se seu discipulado deve ser completo. Primeiro, Hebreus é muito mais um chamado à gratidão, para reconhecer não apenas que Deus tem sido gracioso, mas também que a graça de Deus colocou certas obrigações sobre nós para responder de maneiras que são, em última análise, para nosso próprio benefício, à medida que permitimos que o favor de Deus e a bondade de Deus impactem nossas vidas, transformando-nos em pessoas que honrarão a Deus, permanecerão leais a Deus e servirão a Deus. Hebreus também é um chamado para desprezar a vergonha no sentido de encontrar a liberdade de viver para a aprovação daqueles que não são orientados para Deus.

Hebreus, portanto, desafia continuamente a igreja em todas as épocas a viver para o aplauso do céu e não se distrair e potencialmente descarrilar pela preocupação com aprovação nesta vida. Finalmente, Hebreus também dá atenção substancial à importância de formar uma comunidade cristã adequadamente solidária. Se os discípulos individuais vão ser capazes de perseverar no discipulado ou vão ser capazes de correr a corrida que está diante deles em nosso mundo cada vez mais privatizado e individualizado, este é um desafio particularmente importante para ouvir deste antigo pregador.

Um dos mistérios de Hebreus é sua autoria. Tipicamente, assumiu-se que Hebreus era uma carta de Paulo, apesar do fato de que o texto em si é, do começo ao fim, anônimo. No entanto, a autoria paulina é assumida como no título dado a esta carta na versão King James, a carta de Paulo aos Hebreus.

Essa suposição é antiga. No manuscrito conhecido apenas como P46, papiro número 46, uma coleção de papiros antigos das cartas de Paulo de aproximadamente o ano 200, o escriba colocou Hebreus diretamente depois de Romanos, dando-lhe o segundo lugar dentro do corpus paulino. Sem dúvida, a referência a Timóteo em Hebreus capítulo 13, versículo 23, contribuiu para essa tendência.

Timóteo era, é claro, um conhecido companheiro viajante e missionário de Paulo e, muitas vezes, um co-remetente ou co-autor de cartas paulinas conhecidas. É, no entanto, altamente improvável que Paulo tenha escrito Hebreus. Primeiro, o autor de Hebreus fala como alguém que é convertido à fé em Cristo pela pregação de outros.

Ele deixa isso bem claro no capítulo 2, versículos 3 e 4. Paulo, por outro lado, é inflexível em dizer que se tornou um crente e um apóstolo não por meio da agência de qualquer ser humano, mas pela intervenção direta de Deus. Gálatas 1:11 a 17 e 1 Coríntios 15:3 a 10 fazem esse ponto enfaticamente, com Paulo até mesmo fazendo um juramento nesse sentido em Gálatas. Seria altamente improvável, então, que Paulo admitisse em Hebreus que, de fato, foi a pregação das testemunhas de Cristo que o converteram, pois isso é incompatível com as próprias afirmações inflexíveis de Paulo em outros lugares.

Um segundo fator que torna altamente improvável que Paulo tenha escrito esta carta é o evidente comprometimento do autor com a arte retórica. Isso vai contra a própria filosofia de pregação de Paulo. Em 1 Coríntios, capítulo 2, versículos 1 a 5, Paulo escreve que ele pregou, entre aspas, não na elevação de palavras ou sabedoria, fim das aspas, para que a persuasão dos coríntios não fosse baseada na habilidade do orador, e não na convicção do Espírito Santo.

O autor de Hebreus, no entanto, usa livre e penetrantemente a arte da ornamentação retórica para deleitar os ouvidos de seus ouvintes e ajudá-los a acreditar e sentir que estão ouvindo o sermão de um orador altamente habilidoso, algo de que Paulo nunca é acusado ou creditado em suas cartas existentes, como 2 Coríntios deixa abundantemente claro. Disputas sobre a canonicidade de Hebreus também revelam a incerteza básica da igreja primitiva sobre a autoria da carta. Se a carta fosse confiantemente conhecida por ter vindo da mão de Paulo, ela teria tido aceitação mais ampla como um texto apostólico e, portanto, canônico em todas as igrejas ocidentais e orientais.

No entanto, isso foi uma questão de debate sério até o final do quarto século. Essa disputa também revela um motivo para afirmar a autoria paulina por parte daqueles que consideravam a carta como autoritativa, uma vez que essa afirmação aumentava as chances de seu reconhecimento por toda a igreja. Duas coisas parecem certas a respeito da autoria de Hebreus.

Paulo não o escreveu, mas alguém do círculo paulino o fez. Orígenes, Clemente de Alexandria, Tertuliano e outros pais da igreja primitiva, se não atribuem a obra a Paulo, atribuem-na a alguém intimamente associado a Paulo. Novamente, esta é provavelmente a melhor maneira de ler a referência a Timóteo no capítulo 13, versículo 23.

Quero que você saiba que nosso irmão Timóteo foi libertado, e se ele vier a tempo, ele estará comigo quando eu te ver. Um dos colaboradores de Paulo ainda está tentando coordenar seus movimentos com outro colaborador de Paulo, a saber, Timóteo. Tertuliano, um pai da igreja latino do final do segundo e início do terceiro século, favoreceu Barnabé como candidato à autoria aqui, já que Barnabé era conhecido por ter sido um levita, e, claro, o sacerdócio levítico é um tópico importante em Hebreus.

Apolo também foi frequentemente proposto porque ele foi lembrado em Atos capítulo 18 versículo 24 como sendo um *honor logios*, um orador habilidoso. A habilidade retórica de Apolo também está por trás de sua popularidade entre as igrejas de Corinto, especialmente entre aqueles que criticavam Paulo por ser fraco ao falar. Tornou-se popular nas últimas décadas nomear Prisca, ou Priscila, como a autora, alguém que teve uma mão em ensinar o próprio Apolo sobre a fé e metade de um casal missionário proeminente no círculo paulino.

Por mais desejável que seja ter um texto do Novo Testamento escrito por uma líder feminina na igreja primitiva, há certas indicações contra isso. A mais reveladora delas é um particípio em Hebreus capítulo 11, versículo 32. Em grego, particípios e adjetivos têm gênero.

Eles são masculinos, femininos ou neutros, dependendo do que estão descrevendo. O autor de Hebreus usa um particípio masculino ao se referir a si mesmo. É primeiro impossível que um autor tão habilidoso em grego quanto o autor de Hebreus simplesmente cometa esse erro, mas também é altamente improvável que uma professora do primeiro século tentasse disfarçar seu gênero projetando sua identidade como a de um pregador homem.

A igreja primitiva estava aberta a professoras. Mas ainda mais revelador, o autor de Hebreus sabe, o público de Hebreus conhece esse pregador pessoalmente de encontros anteriores, como aprendemos no capítulo 13, versículo 19, onde a cláusula, espero ser restaurado a você, indica um tempo anterior quando o autor e o público estavam juntos. Assim, não haveria como enganá-los em relação ao gênero do pregador.

Assim, se fosse Prisca ou Priscila, ela não teria razão para usar um particípio masculino para disfarçar sua identidade de alguma forma. No final, a solução de

Orígenes para a autoria de Hebreus continua sendo a mais sólida. Mas quem escreveu a epístola? Deus sabe.

Não sabemos quem, entre a equipe ministerial bastante grande de Paulo, pode ter escrito este sermão, e, no final das contas, não ganhamos nada arriscando um palpite. Mesmo que não saibamos o nome do autor de Hebreus, podemos aprender algumas coisas importantes sobre ele. Por um lado, ele era um homem bem-educado.

Entre todos os autores do Novo Testamento, o autor de Hebreus se destaca como um mestre da língua grega. Encontramos isso em seu uso liberal de participípios, incluindo muitas construções genitivas absolutas e um dos poucos participípios futuros em todo o Novo Testamento. Ele também é dado ao que os gramáticos chamam de sintaxe hipotática.

Isso significa um uso extensivo de orações subordinadas, o que mostra um nível mais alto de sofisticação em termos de sua facilidade na língua grega. Marcos, o autor do segundo evangelho, por outro lado, usa sintaxe paratática. Ele vincula seus pensamentos e orações com conjunções em vez de subordinar uma à outra.

Ou seja, o uso do grego por Marcos é muito mais do que se esperaria de alguém que aprendeu grego como segunda língua e talvez nunca tenha se sentido totalmente confortável com a composição nessa língua. Por outro lado, o autor de Hebreus usa o grego como um falante nativo. Ele também dá evidências de ter tido treinamento formal na arte da retórica, pelo menos no nível pré-ginásio.

Isto é, no nível de treinamento no sistema educacional greco-romano antes do que consideraríamos educação de nível universitário ou de faculdade. Agora, é um ponto muito debatido nos estudos do Novo Testamento se alguém pode dizer sobre um autor que ele teve treinamento formal em retórica em qualquer nível. No entanto, em relação ao autor de Hebreus, há menos espaço para debate do que, por exemplo, com um autor como Marcos ou João.

Por exemplo, dentro dos livros didáticos deste nível de educação pré-ginásio, os livros didáticos chamados de pro- gymnasmata são exercícios de elaboração de um tema ou tópico que se movem por uma série de etapas argumentativas. Este tipo de exercício é fundamental para o treinamento pro- ginásio . Um exercício típico em uma escola de retórica envolvia pegar um ditado de uma pessoa famosa ou um pouco de sabedoria proverbial ou propor uma tese e elaborar uma série de argumentos em apoio a ela.

O padrão parecia muito com isso. Primeiro, uma introdução ao tópico, seguida pela declaração que deve ser argumentada. A declaração é então apoiada por uma justificativa.

A declaração é então apoiada por um argumento do contrário, ou seja, se a declaração não fosse verdadeira, este seria o caso. Mas como este não é o caso, a declaração deve ser verdadeira. Isto seria então seguido por um argumento de comparação ou analogia, olhando para outro reino da experiência humana onde a lógica subjacente da declaração é demonstrada como um tipo de prova corroborante.

Isso poderia ser seguido então por um exemplo histórico ou precedente onde a declaração provou ser verdadeira no caso de alguma pessoa ou evento famoso no passado. Isso, por sua vez, poderia ser seguido por uma citação de uma autoridade respeitada, alguém cuja voz carrega peso na cultura, e então concluir com uma reafirmação da tese ou uma exortação para agir sobre essa declaração. Esse padrão básico aparece em vários dos livros didáticos sobreviventes dos pro- gymnasmata , bem como em manuais sobre retórica, como o rhetorica anúncio herenium que é atribuído a Cícero.

Encontramos precisamente esse padrão de livro escolar empregado em Hebreus capítulo 12, versículos 5 a 11, com modificações muito pequenas. Nessa passagem, o autor oferece uma introdução à sua tese. Vocês se esqueceram da exortação que se dirige a vocês como filhos.

A tese em si vem de uma citação de Provérbios. Meu filho, não considere a disciplina formativa, a paideia, do Senhor levianamente, nem perca a coragem ao ser reprovado por ele. Esta tese é então apoiada por uma justificativa, que também é parte daquela citação de Provérbios.

Pois quem o Senhor ama, o Senhor disciplina e castiga todo filho que recebe. O autor segue com uma reafirmação da tese, como é comum nesses exercícios. Persevere, então, por causa da disciplina formativa.

Deus está tratando vocês como filhos. Ele então acrescenta a confirmação da razão, isto é, uma razão adicional apoiando a razão, aqui apelando para a experiência geral do público de ser criado e de ser pai ou mãe. Pois quem é o filho a quem o pai não disciplina? Depois disso, encontramos um argumento do contrário.

Se você não tem disciplina formativa, da qual todos os filhos se tornaram participantes, então você é ilegítimo e não é filho verdadeiro. Isso, por sua vez, é seguido por um argumento de comparação ou analogia. Neste caso, é uma analogia muito próxima, olhando para o reino dos pais biológicos naturais para falar sobre o pai divino.

Já que tivemos nossos pais biológicos como educadores e mostramos reverência, não deveríamos estar muito mais sujeitos ao pai dos espíritos e viver? Este argumento

por analogia é, por sua vez, apoiado por outra justificativa. Pois eles nos disciplinaram por alguns dias como lhes pareceu melhor, mas ele nos disciplina para nosso benefício, para que possamos compartilhar sua santidade. O autor então encerra tudo isso com uma conclusão que incorpora uma citação de uma máxima padrão.

Toda disciplina formativa, enquanto está presente, não parece ser alegre, mas penosa, mas depois, produz o fruto pacífico da retidão para aqueles que foram treinados por meio dela. A máxima que sustenta este verso é, na verdade, uma que aparece com frequência em textos educacionais antigos, às vezes atribuída a Isócrates, às vezes a Aristóteles. As raízes da educação são amargas, mas seu fruto é doce.

O autor modificou e expandiu essa máxima, que é em si outro dos exercícios preliminares de composição nesses livros didáticos, mas ainda é claramente visível aqui. O autor até preservou duas palavras-chave, disciplina ou educação, paideia, e fruto, karpos. O autor de Hebreus exibe, portanto, um conhecimento claro e um domínio de um padrão preliminar de argumentação retórica, usando-o com modesta variação.

Por exemplo, adicionando fundamentos ao argumento a partir da comparação, concluindo-o com uma máxima bem conhecida que estava em si mesma no coração da educação antiga. Em todas essas formas, o autor mostra ter tido uma forte base educacional como base para sua excelência homilética. A consideração da habilidade retórica do autor levanta a questão do que Hebreus em si realmente é e como devemos pensar sobre esta peça de comunicação.

Normalmente nos referimos a ela como a carta aos Hebreus ou a epístola aos Hebreus, em analogia com a carta de Paulo aos Gálatas ou a carta aos Filipenses. No entanto, Hebreus não começa como uma carta normalmente começaria com um remetente se identificando e seus destinatários e passando saudações. No lugar daquela abertura típica de carta, encontramos uma declaração de abertura polida que parece ter sido calculada para ter um efeito poderoso nos ouvintes para soar bonita aos seus ouvidos.

Deus, tendo falado há muito tempo aos nossos antepassados por meio dos profetas de forma variada e fragmentada, nestes dias mais recentes falou conosco em um filho, a quem ele designou para ser o herdeiro de todas as coisas, por meio de quem ele também fez as eras, que sendo o resplendor da glória de Deus e a impressão da própria essência de Deus, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa, tendo ele mesmo feito a purificação dos pecados, sentou-se à direita da majestade nos lugares altos. Nesta abertura, o autor usa vários dispositivos retóricos conhecidos de antigos manuais de retórica que são puramente decorativos. Primeiro,

as 12 palavras iniciais do sermão em grego saúdam os ouvintes com um uso marcante de aliteração.

Aliteração é um recurso muito comum ainda usado e amado por pregadores hoje. Uma consoante inicial é usada várias vezes, talvez para delinear os pontos principais de um sermão. Aqui, nosso autor usa aliteração cinco vezes em 12 palavras para decorar o verso de abertura, repetindo este som P. Duas cláusulas paralelas apenas dois versos depois no capítulo um, verso três, empregam outros recursos estilísticos antigos reconhecíveis.

Elas são chamadas homo- arcton e homo- taluton , palavras ou frases iniciais ou finais com a mesma série de sons para criar, com efeito, rimas internas. Assim, no capítulo um, verso três, temos essas cadências repetidas. São ornamentos que sugerem uma segunda camada de atenção à arte retórica, mas também nos mostram a consciência do autor de que o que ele está elaborando não é um texto, mas sim uma declaração, uma peça para entrega oral a ser ouvida e apreciada pelo ouvido, e não pelo olho.

Esta abertura também emprega o recurso retórico da antítese, construindo cláusulas com múltiplos elementos, cada um dos quais contrasta com um membro correlato na outra cláusula. Assim, o autor diz que, antigamente, Deus falava aos ancestrais por meio dos profetas. Então, na cláusula antitética que se segue, nestes últimos dias, ele falou conosco em um filho.

Dessa forma, o autor cria um equilíbrio agradável e artístico entre como Deus falava antigamente e como Deus fala agora, comunicando conteúdo de forma bela e artística. De muitas dessas maneiras, o autor dá evidências de treinamento retórico até mesmo além do nível básico do pro- gymasmata . O autor também dá atenção ao longo de seu sermão aos atos presumidos de falar e ouvir, em vez de ler com os olhos.

Ou seja, do começo ao fim, ele está muito ciente de que sua mensagem é uma mensagem falada que será ouvida, não uma mensagem escrita que será lida. Então , lemos, ironicamente, sobre isso, e temos muito a dizer que é difícil de explicar, já que vocês se tornaram lentos em ouvir. Ou, portanto, como diz o Espírito Santo, hoje, se ouvirem sua voz, não endureçam seus corações.

Ou, agora, Deus não sujeitou o mundo vindouro sobre o qual estamos falando aos anjos. E um pouco mais adiante no sermão, embora falemos dessa maneira, amados, estamos confiantes de coisas melhores em seu caso. O autor mostra dessa maneira que ele está compondo o sermão aos hebreus, consciente da entrega oral da mensagem e da natureza oratória de sua composição.

Outra coisa sobre o autor de Hebreus que transparece claramente em sua pregação é sua localização cultural. Se admitíssemos que ele tinha algum nível de treinamento retórico formal, não se segue que esse treinamento tenha acontecido no meio de alguma escola greco-romana ou baseada em gentios. Pelo contrário, do começo ao fim, ele dá uma imagem de estar localizado principalmente em um ambiente judaico durante o curso de sua criação.

O Antigo Testamento fornece o conjunto primário de recursos culturais do nosso autor. É muito importante para nós termos em mente, no entanto, que ele envolve o Antigo Testamento principalmente em sua tradução grega, comumente chamada de Septuaginta. A Septuaginta foi um projeto de tradução muito antigo realizado por judeus de língua grega para o benefício de populações judaicas fora da Judeia, para quem o grego havia se tornado a língua principal e que praticamente deixaram para trás sua língua ancestral.

Os primeiros cinco livros, os Livros da Lei, provavelmente estavam disponíveis em grego já em 250 a.C. Agora, todo ato de tradução introduz alguma distância do original. Até mesmo escritores antigos como o tradutor do livro apócrifo, A Sabedoria de Ben Sirah, mostram uma consciência dessa distância.

O neto de Ben Sirah, o tradutor, era fluente em hebraico e grego. Depois de traduzir o trabalho de seu avô do hebraico para o grego, ele se desculpa por alguns lugares onde ele pode ter errado ou perdido a nuance que seu avô estava tentando comunicar. No prólogo de sua tradução, ele nos diz que até mesmo a Lei e os Profetas e os outros livros mostram distância na tradução do original.

A distância introduzida entre o texto hebraico do Antigo Testamento e a tradução grega, a Septuaginta, é algo que o autor de Hebreus capitaliza no curso de sua argumentação. Por exemplo, no texto hebraico do Salmo 8, lemos, tu o fizeste, a humanidade, um pouco menor que os anjos. Em hebraico, a palavra pouco significa inequivocamente um espaço mais baixo na escada da criação.

Mas em grego, há alguma ambiguidade. Poderia indicar uma distância espacial menor ou um pouco de tempo. O autor de Hebreus é capaz de capitalizar essa ambiguidade para transformar o Salmo 8 em um testemunho da encarnação de Jesus, quando por um curto período, o pouco tempo de sua vida terrena, o sol foi feito mais baixo que os anjos.

Mais impressionantemente, o autor citará o Salmo 40 em Hebreus 10 como a pedra angular de seu argumento sobre a oferta de Jesus de si mesmo como um sacrifício que era aceitável a Deus em um nível e em um grau que os sacrifícios de animais prescritos em Levítico nunca poderiam alcançar. No texto hebraico do Salmo 40, lemos, sacrifícios e ofertas você não desejou, mas espigas você cavou para mim. Agora, essa imagem de arrancar espigas, é claro, lembra a história da criação de

Gênesis 2, onde Deus moldou os seres humanos do pó da terra, da sujeira, por assim dizer, moldando-a.

E, claro, o significado do texto é que, tendo criado ouvidos, você quer que eu ouça sua lei e a cumpra. A versão grega desse Salmo produz algo bem diferente: não ouvidos que você cavou para mim, mas um corpo que você preparou para mim. Presumivelmente, o judeu de língua grega que traduziu esse Salmo não gostou da imagem de Deus cavando ouvidos e então generalizou para esta frase, um corpo que você preparou para mim, ainda se referindo ao ato de Deus de criar o ser humano e ainda significando um corpo com o qual agir em obediência aos seus comandos, ó Deus.

Mas o autor de Hebreus vê nessa tradução uma oportunidade de falar muito mais particularmente sobre um corpo em particular que Deus preparou, a saber, o corpo que o Filho assumiu como Jesus. De várias maneiras, descobriremos que o Antigo Testamento, em sua tradução grega, produz frutos exegéticos e teológicos para o autor que o texto hebraico original pode não ter produzido. O autor assume que o público compartilha uma consciência do texto da Septuaginta e, ainda mais importante, compartilha um compromisso com a autoridade desses textos como oráculos de Deus.

Esta é, em última análise, a própria fonte de autoridade do autor enquanto ele prega seu sermão. Ele espera ser ouvido e ser persuasivo na medida em que fundamenta sua própria mensagem e suas próprias exortações em sua exposição desses textos sagrados compartilhados. O que é muito interessante sobre Hebreus é como o autor interpreta muitos desses textos.

O autor nos mostra, antes de tudo, como o testemunho fragmentado e parcial de Deus por meio dos profetas e salmos se torna um testemunho unido das ações de Deus no mundo no Filho, na pessoa e carreira de Jesus. Já em Hebreus capítulo 1, versículos 5 a 13, encontramos uma enxurrada de versículos do Antigo Testamento que o autor acredita encontrar seu significado em conexão com Jesus, e ele nos mostra que há algo de sua hermenêutica, suas estratégias interpretativas que encontraremos ao longo de seu sermão. Os textos do Antigo Testamento revelam seu significado para ele quando são lidos como falados ao Filho, como falados sobre o Filho e, em alguns casos, mesmo quando falados pelo Filho, é quando são colocados nos próprios lábios de Jesus.

O autor também trabalha com uma interpretação tipológica dos textos do Antigo Testamento. Isso significa que ele encontra em todo o Antigo Testamento figuras ou atividades que ele acredita apontarem para o Filho e para seus feitos, que são sombras e indícios do Filho e suas realizações que foram anunciadas muito antes de sua chegada à cena terrena. Por exemplo, ele olha para Moisés como um tipo ou modelo para Jesus, o mediador que viria.

Da mesma forma, ele olha para o sacerdócio levítico, seu pessoal, seus rituais e seus espaços sagrados como um tipo ou modelo no qual falar sobre o sacerdócio de Jesus e as consequências da morte de Jesus para nós. Isso também abre para o autor a possibilidade de criar exortações para seu público com base em um tipo. Por exemplo, com base na história da geração do Êxodo e sua resposta pobre a Moisés e às promessas de Deus para ajudar seu próprio público a descobrir como eles precisam responder à mediação final de Jesus.

O autor também busca uma interpretação moral do Antigo Testamento do começo ao fim, como ele nos mostra em seu uso de seus exemplos do Antigo Testamento como modelos positivos e negativos de como responder a Deus. Embora a localização cultural primária do autor possa ser dita como o mundo das escrituras judaicas, nas quais ele se baseia mais do que qualquer outra coisa, o autor também se mostra um cidadão do mundo greco-romano. Isso não está em oposição à sua localização como um cristão judeu, mas em linha com sua localização como um cristão judeu helenístico, alguém que foi criado no ambiente greco-romano mais amplo que impactou a aparência do judaísmo em qualquer lugar que se encontre no mundo mediterrâneo do primeiro século d.C.

Um exemplo aparece no uso que o autor faz da sabedoria pedagógica greco-romana. No capítulo 5, versículo 8, o autor diz que Jesus, entre aspas, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu ou pelas coisas que experimentou. Neste versículo, encontramos as palavras gregas *emaphen* e *epaphen*, palavras que constituíam uma máxima comum no mundo antigo, ensinando que a sabedoria vem do sofrimento ou o aprendizado vem pela experiência.

Epaphen, *emaphen*, ele sofreu, ele aprendeu. Pode-se encontrar essa máxima nas obras de Ésquilo, Heródoto e muitos outros autores das eras clássicas grega, helenística e romana. O autor também mostra seu enraizamento na cultura greco-romana quando fala de estágios e progresso no aprendizado, a ideia de que há um estágio elementar de educação e um estágio mais avançado de educação, usando as figuras de beber leite versus comer alimentos sólidos, criando uma analogia entre a criação de crianças no nível biológico com a criação ou educação de crianças no nível pedagógico.

Assim, ele escreve no capítulo 5, versículos 11 a 14, vocês se tornaram lentos em ouvir, pois, de fato, embora devessem ser professores por conta da quantidade de tempo que passou, vocês novamente têm necessidade de alguém para continuar a ensinar-lhes os princípios mais básicos do nível primário dos oráculos de Deus. Vocês vieram a ficar necessitados de leite em vez de alimento sólido, pois todo aquele que participa de leite é inábil na palavra da justiça, pois ele ou ela é uma criança. Mas o alimento sólido é para os maduros, que tiveram suas faculdades treinadas por meio da prática constante para o discernimento do nobre e do vil.

Autores greco-romanos usam similarmente a analogia de leite versus carne ou leite versus comida sólida como uma imagem para níveis de instrução. Então, por exemplo, o filósofo estoico do final do primeiro e início do segundo século, Epicteto, escreve: você não está disposto a esta data tardia, como crianças, a ser desmamado e participar de comida mais sólida? Ou novamente, você recebeu os princípios filosóficos que você deveria aceitar, e você os aceitou. Que tipo de professor então você ainda espera, que você deve adiar a si mesmo, que você deve adiar a reforma até que ele chegue? Você não é mais um rapaz, mas já é um adulto totalmente crescido.

Tanto Epicteto quanto o autor de Hebreus, além disso, usam essas metáforas especificamente para envergonhar os ouvintes por não estarem à altura de onde deveriam estar e para motivá-los a provar que são maduros por sua prontidão para atender às expectativas articuladas pelo autor para os maduros. Na mesma passagem, encontramos o autor de Hebreus descrevendo o crente maduro como alguém que está equipado para o discernimento do nobre e do vil. Isso incorpora uma definição padrão da virtude da sabedoria, uma das quatro virtudes cardeais promovidas por platônicos e estoicos.

A pessoa madura que fez progresso suficiente na disciplina formativa oferecida por uma escola filosófica, aquele grupo ao qual ele ou ela se juntou, atingiu a sabedoria. Ele ou ela tem inteligência capaz de um certo método judicioso de distinguir o bem do mal, como o autor da *Rhetorica ad helenium* coloca. De muitas dessas maneiras, o autor de Hebreus incorpora o conhecimento cultural de seu ambiente helenístico mais amplo em seu pensamento e sua pregação.

Em um ponto, o autor apresenta Jesus não em termos de sua herança judaica, mas de maneiras que lembram o grande herói de quase todas as escolas filosóficas gregas e romanas, a saber, Sócrates. No capítulo 2, versículos 14 e 15, o autor de Hebreus escreve: Desde então, os filhos têm compartilhado carne e sangue em comum. O próprio filho também compartilhou plenamente das mesmas coisas para que, por meio da morte, ele pudesse destruir aquele que detém o poder da morte, a saber, o caluniador, e libertar aqueles que são passíveis de escravidão por toda a vida pelo medo da morte.

Com alguma adaptação, pode-se reconhecer ecos aqui da maneira como o filósofo romano do primeiro século, Sêneca, retratou Sócrates enquanto ele enfrentava sua própria morte. Sócrates se recusou a fugir quando certas pessoas lhe deram a oportunidade de libertar a humanidade do medo de duas coisas mais graves: morte e prisão. No segundo século, Luciano, o satirista, escreveu sobre um certo filósofo que estava prestes a se incendiar para ensinar a seus discípulos a mesma lição que Sócrates ensinou a seus discípulos.

Peregrinus era o nome desse filósofo vagabundo em particular, e Luciano escreve: Em Hebreus capítulo 2, versículos 14 e 15, então, encontramos nosso autor apresentando Jesus como alguém que abraça as dificuldades e as dificuldades da própria morte para libertar seus seguidores da escravidão ao medo da morte. Claro, isso é adaptado apropriadamente para a visão de mundo do autor para incluir Jesus lutando, de fato, com Satanás, o caluniador, a quem foi creditado o poder da morte e o uso para manter os filhos de Deus em cativeiro pelo medo. Outra faceta da cultura greco-romana que aparece em Hebreus é a do atletismo.

No capítulo 12, versículos 1 a 4, na conclusão de seu elogio aos heróis da fé, o autor de Hebreus cria uma bela metáfora atlética. Tendo, portanto, uma tão grande nuvem de espectadores nos cercando, corramos também com perseverança a corrida proposta diante de nós, despojando-nos de todo peso e do pecado que facilmente nos envolve, olhando para o pioneiro e consumidor da fé, Jesus. Vocês ainda não resistiram até o ponto de derramamento de sangue, enquanto enfrentavam o pecado.

Nestes quatro versos curtos, temos as imagens de uma corrida realizada em um estádio, as arquibancadas cheias de espectadores, e também de uma luta livre no último verso, uma luta livre contra o pecado. O autor traz imagens que são familiares a qualquer cidade grega em seu sermão. O atletismo tinha um lugar de destaque nas antigas cidades gregas ou romanas, assim como nas cidades modernas.

O autor capitaliza essa faceta da cultura greco-romana para criar uma imagem poderosa para impelir seus heróis adiante em seu comprometimento especificamente com a cultura cristã e suas demandas sobre eles. Então, embora possamos não saber o nome desse autor, sabemos várias coisas importantes sobre ele. Ele era, com toda a probabilidade, parte da equipe evangelística paulina.

Ele era alguém que era especialmente bem treinado entre os membros daquela equipe em retórica, na expressão artística do pensamento com vistas a ser persuasivo. Ele era profundamente fundamentado nas escrituras do Antigo Testamento, particularmente como essas escrituras existiam no mundo antigo em tradução grega. Ele é um cidadão do mundo greco-romano na medida em que ele se baseou em sua vida pedagógica, filosófica e atlética no curso do desenvolvimento de sua apresentação distinta do significado de Jesus e da reivindicação de Jesus sobre as vidas dos ouvintes.